

MARIA DE FÁTIMA NUNES

Revistas científicas portuguesas da primeira metade do século XIX

Imprensa periódica científica (1772-1852): leituras de “sciencia agricola” em Portugal. Lisboa: Estar, 2001. 493 p.

BEGONHA BEDIAGA

Historiadora e pesquisadora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e doutoranda do Instituto de Geociências | UNICAMP

146

Imprensa periódica científica (1772-1852) é originalmente a tese de doutorado da historiadora Maria de Fátima Nunes, apresentada em 1994 à Universidade de Évora, em Portugal.

Na apresentação, a autora discorre sobre seus objetivos de buscar a interseção entre história da ciência e história cultural. Em suas palavras, a pesquisa “insere-se no âmbito da História da Cultura, de modo particular nos domínios da história da divulgação da Ciência” (p. 5).

De imediato chama atenção o ineditismo da pesquisa, ao centrar a investigação em periódicos, jornais e revistas científicas, literárias, instrutivas e recreativas em que o tema da agricultura estava presente. A escolha do tema, explica a autora, deu-se porque o assunto era recorrente no periodismo da época, muito devido ao fato de a sociedade portuguesa dos séculos XVIII e XIX ter sido preponderantemente baseada na economia agrária.

O corte temporal do estudo inicia em 1772, período das reformas universitárias empreendidas por Pombal, e finda em 1852, quando foi criada a primeira legislação sobre o ensino agrícola. Para desenvolver sua linha de pesquisa, a autora dividiu o trabalho em duas partes, que acompanham o contexto político de Portugal: “O despertar dos mágicos: 1772-1834” e “A sinfonia do Novo Mundo: 1834-1852”.

Para tentar dar conta de seus objetivos, Nunes envereda por inúmeros caminhos, entre os quais a análise do contexto político e econômico de Portugal no período. Aqueles pouco familiarizados com a história de Portugal terão certa dificuldade em acompanhar, no texto da autora, o desenrolar dos acontecimentos da época, o que pode prejudicar a compreensão do contexto em que os periódicos analisados estiveram em circulação.

Através de seus estudos, Nunes desvenda a circulação de ideias sobre a agricultura na Europa, as influências, discordâncias, disputas entre os autores de diversos países e a preponderância da Inglaterra no assunto. A “sciencia agricola”, seus protagonistas e sua cultura em Portugal são analisados sobretudo pelo viés da tradição da agricultura de cereais, oliveiras e vinhas — pão, azeite e vinho — e inclui também a introdução de novos produtos, como algodão, arroz e batatas, oriundos tanto do Novo Mundo americano quanto do milenar mundo asiático.

Ao analisar as discussões acerca das “modernas” técnicas que foram desenvolvidas para aplicação na agricultura, defende a autora que o que estava então em curso era um “salto epistemológico referente ao avanço dos saberes agrônômicos” (p. 252) através da química: “o milagre da repetição das sementes e do crescimento dos seres vegetais deitados à terra, permitiu atingir os domínios da cadeia da inteligibilidade agrônômica” (p.252). Assim, a adubação e a análise do solo passaram a ter uma explicação ‘científica’, por meio da qual se podia vislumbrar a possibilidade de controle da natureza em prol da prosperidade da agricultura.

Para destacar a importância da química na agricultura, Nunes recorre a clássicos como Jethro-Tull no século XVII, Duhamel du Monceau no século XVIII e Arthur Young e Chaptal do início do século XIX, cujos estudos influenciaram tanto as técnicas agrícolas como o processo de vinificação. Até a década de 1840 dominava a teoria orgânica da nutrição vegetal, mas o químico alemão Justus von Liebig mostrou a função decisiva dos elementos minerais do solo, teoria considerada um marco fundamental que levaria, posteriormente, à produção e utilização de adubos químicos na agricultura.

A propósito dos periódicos que analisa, a autora conclui que, na ausência de uma estrutura institucional de caráter científico-pedagógico, os periódicos tiveram papel alternativo ao ensino agrícola, com atribuições pedagógicas e didáticas por meio dos artigos de cientistas portugueses e dos artigos traduzidos que publicavam. Nunes também destaca o total consenso, entre os periódicos analisados, com respeito à superioridade da ciência e à necessidade de se introduzirem parâmetros científicos na agricultura como recurso para compreender e dominar o solo e os vegetais. E, nesse rastro, a agronomia buscava se legitimar como ciência autônoma de caráter pragmático.

Apesar de não informar quantos foram os periódicos analisados, percebe-se que esse número foi bastante expressivo, e chama a atenção a diversidade de títulos, muitas vezes surpreendentes, a exemplo do *Correio Mercantil e Econômico de Portugal que contem toda a qualidade d’annuncios*, publicação semanal de 1794-1811, de Lisboa. A autora analisa os números publicados em sete anos desse periódico e conclui que os temas agrícolas eram abordados em memórias e artigos de sociedades econômicas e agrícolas europeias.

Em toda a obra percebe-se o estilo prolixo da autora. Entretanto, a pesquisa apresenta inúmeros predicados, possivelmente bastante úteis para aqueles que têm como temas de interesse os periódicos, a divulgação dos conhecimentos científicos ou, especificamente, a ciência agrícola do final do Setecentos e a primeira metade do Oitocentos.